



**FACULDADE UNIRB DE ARAPIRACA
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

ARYADNE MELO DE CARVALHO

**EXPRESSÕES DA SEXUALIDADE INFANTIL: À LUZ DA
TEORIA FREUDIANA**

Arapiraca
2021

ARYADNE MELO DE CARVALHO

**EXPRESSÕES DA SEXUALIDADE INFANTIL: À LUZ DA
TEORIA FREUDIANA**

Trabalho de conclusão de curso como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia, do Centro Universitário Regional do Brasil – UNIRB.

Orientador: Prof^a. MSc. Julyanna de Melo Ribeiro

Arapiraca
2021

BIBLIOTECA ZUZA PEREIRA / CENTRO UNIVERSITÁRIO REGIONAL DO BRASIL – UNIRB

CARVALHO, Aryadne Melo
Expressões da sexualidade infantil: à luz da teoria Freudiana /
Aryadne Melo de Carvalho. – Arapiraca AL, 2021.
30f.

Monografia (graduação) do Curso de Psicologia – Centro
Universitário Regional do Brasil – UNIRB.

Orientador (a): Prof (a): MSc. Jullyanna de Melo Ribeiro

1. Sexualidade infantil. 2. Teoria Freudiana. 3. Desenvolvimento
Psicossexual. I. Título.

CDD: 150

ARYADNE MELO DE CARVALHO

**EXPRESSÕES DA SEXUALIDADE INFANTIL: À LUZ DA
TEORIA FREUDIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, do Centro Universitário Regional do Brasil – UNIRB.

Aprovado em 14 de dezembro de 2021.

Banca Examinadora

Julyanna de Melo Ribeiro – Orientador (a)

MSc. Em Psicologia, pela Universidade Federal de Alagoas.

MSc. Em Psicologia, pela Universidade Federal de Alagoas.

Dr. Em Ciências da Saúde, pela Universidade de Brasília.

Dedico este trabalho *in memoriam* a meu pai José Arnaldo, que nunca mediu esforços para me proporcionar um ensino de qualidade durante toda a minha trajetória escolar.

In memoriam a minha avó Laura, pelo exemplo de mulher guerreira e por todos os ensinamentos.

A minha mãe Maria Cristina, por ser meu alicerce e a maior incentivadora das minhas conquistas.

Ao meu irmão Aryandson, e a todos os familiares e amigos, que sempre estiverem ao meu lado demonstrando apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

Ser psicóloga é um sonho que se iniciou desde muito nova, desde a época de ensino fundamental e que com o passar dos anos, está se concretizando graças à ajuda mútua de diversas pessoas, dentre as quais agradeço com imenso amor:

Aos meus professores por tanto aprendizado, agradeço desde as tias do maternal, como eram consideradas com muito carinho, até os professores do fundamental e ensino médio, que contribuíram significativamente para minha educação.

Em especial, à minha professora e orientadora deste trabalho, Julyanna Ribeiro que durante seis meses me acompanhou pontualmente, dando todo o auxílio necessário para a elaboração deste projeto. Sou imensamente grata por toda a paciência e compreensão durante esses meses, você é luz.

A todos os docentes que fizeram parte do núcleo de ensino do curso de Psicologia da UNIRB - Faculdade Regional Brasileira. Em especial os Mestres Cícero Fonseca, Gilberto Junior, Niedja Mara e Rosanny Cavalcante, por partilharem os seus conhecimentos, me provocando durante esses cinco anos a ter uma reflexão mais crítica. Serei eternamente grata a cada um de vocês pelas vivências e ensinamentos transmitidos.

A minha madrinha Sheila Carine e a seu filho de quatro anos, Júlio Gabriel. Obrigada por todo incentivo e compreensão quando eu precisei está ausente, obrigada também por me proporcionar esse vínculo tão próximo com o Julinho, foi a partir desse convívio que surgiu o interesse em me aprofundar e conhecer sobre as fases da sexualidade infantil na primeira infância. Julinho você foi a minha inspiração diária.

A minha amiga de infância e também de curso, Nathalya Anjos, obrigada por essa vivência linda, foram cinco anos de muito companheirismo, dedicação e aprendizado.

Ao meu pai José Arnaldo e a minha avó Laura, que não se encontram mais fisicamente entre nós, mas permanecem eternamente vivos em minha memória e em meu coração, e a Maria Cristina minha mãe. Sou imensamente feliz pelo amor, carinho, paciência e por nunca medirem esforços para que eu pudesse ter a oportunidade de estudar, sempre com muito amor e zelo no decorrer dessa trajetória

educacional e em toda minha vida. A vocês todo o meu amor, admiração e a minha gratidão.

Por fim, porém não menos importante, quero agradecer ao meu irmão Aryandson e a toda a minha família e amigos, com quem divido todas as minhas angústias e alegrias, obrigada por sempre me apoiarem.

“Não desejo suscitar convicções, o que desejo é estimular o pensamento e derrubar preconceitos”

Sigmund Freud, 1917

RESUMO

A partir da teoria Freudiana, há compreensão de que os desdobramentos e implicações que a sexualidade infantil nas fases pré-genitais: oral, anal e fálica, de 0 à 6 anos, é de grande relevância no desenvolvimento psíquico da criança e na relação com seus familiares. Dessa forma, o trabalho tem como objetivo compreender, através da teoria Freudiana da sexualidade infantil, os desdobramentos e implicações que as fases pré-genitais acarretam no desenvolvimento da criança e na relação com os pais e/ou familiares. Metodologicamente, trata-se de uma análise bibliográfica de caráter exploratório, dos artigos publicados nos últimos dezenove anos, que fazem alusão a teoria Freudiana da sexualidade infantil. Freud no século XX, causa certo impacto ao afirmar, a existência e a presença da sexualidade desde a infância e também ao apontar a importância e o determinismo da sexualidade para a formação do psiquismo humano. À vista disso, as ideias expostas ao longo do texto permitem uma ampla visão sobre o lugar da sexualidade enquanto fenômeno biopsicossocial, reafirmando suas fases, características, dificuldades e a sua relevância para compor a organização psíquica da criança.

Palavras-chave: Sexualidade infantil; Teoria Freudiana; Desenvolvimento Psicosexual.

ABSTRACT

From the Freudian theory, there is an understanding that the developments and implications that child sexuality in the pregenital stages: oral, anal and phallic, from 0 to 6 years old, is of great relevance in the child's psychic development and in the relationship with their children. relatives. Thus, the work aims to understand, through the Freudian theory of child sexuality, the consequences and implications that the pre-genital phases entail in the child's development and in the relationship with parents and/or family members. Methodologically, this is an exploratory bibliographic analysis of articles published in the last nineteen years, which allude to the Freudian theory of child sexuality. Freud, in the 20th century, has a certain impact by affirming the existence and presence of sexuality since childhood and also by pointing out the importance and determinism of sexuality for the formation of the human psyche. In view of this, the ideas exposed throughout the text allow a broad view of the place of sexuality as a biopsychosocial phenomenon, reaffirming its phases, characteristics, difficulties and its relevance to compose the child's psychic organization.

Keywords: Child sexuality; Freudian Theory; Psychosexual Development.

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 2 OBJETIVO | 13 |
| 2.1 OBJETIVO GERAL..... | 13 |
| 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 13 |
| 3 METODOLOGIA..... | 14 |
| 4 REFERENCIAL TEÓRICO | 16 |
| 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 26 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 29 |
| 7 REFERÊNCIAS..... | 30 |

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos inúmeros discursos foram sendo formulados em torno da temática sexualidade. A mesma tem sido por muito tempo no senso comum, impregnada pelo reducionismo que a conceitua apenas como sinônimo de genitalidade e de reprodução. No século XX, em meio ao discurso médico e psiquiátrico, surge a psicanálise, fruto da cultura ocidental. Seu fundador e maior propulsor é Freud, que irá, em 1905, sistematizar, pela linhagem psicanalítica, o conceito de sexualidade.

Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado da puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves conseqüências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual [...] (FREUD, 1905a, p. 106)

Freud em meados do século XIX, através da teoria psicanalítica modificou profundamente a percepção acerca da sexualidade infantil, chocando a sociedade da época ao defender que a criança desde o seu nascimento é dotada de excitações e desejos. Não obstante, nos dias de hoje ainda ao se falar no termo sexualidade, o mesmo ainda continua intimamente associada ao universo da genitalidade, seja no adulto ou até mesmo nas condutas infantis. Através dessa pesquisa almeja-se desconstruir essa visão ainda restrita e exclusivamente biologista.

Com o surgimento da Psicanálise e das descobertas freudianas há uma mudança de paradigma na concepção de sexualidade como era considerada até então. A mesma defende que a sexualidade não se limita ao corpo biológico, pois é produzida por experiências psíquicas inconscientes. Consequentemente, a sexualidade passa a ser considerada de grande importância, apontada como essência da atividade humana, sendo reconhecida como ponto de referência para a formação do psiquismo humano (FREUD, 1929a).

A sexualidade se desenvolve de forma diferente em cada fase de nossas vidas, fazendo-se presente desde os primeiros dias de vida dos bebês. Antes de qualquer inquietação, é necessário entender que, se para o adulto erotização e preconceito

fazem parte da sexualidade, para a criança está mais ligada a conhecimento, descobertas e curiosidades. A criança não experimenta a vida sexual da mesma forma que o adulto, que alcança seu ápice e seu objetivo no ato sexual.

Posto isto, o interesse pelo tema sexualidade infantil, surgiu a partir da falta de compreensão por boa parte da sociedade a respeito dessa temática tão complexa e controversa. Dessa forma, o presente estudo objetiva realizar uma pesquisa de cunho bibliográfico a partir dos artigos publicados nos últimos dezenove anos, para tal, o objetivo geral desta pesquisa foi de compreender, à luz da teoria Freudiana da sexualidade infantil, os desdobramentos e implicações que as fases pré-genitais acarretam no desenvolvimento da criança e na relação com seus pais e familiares.

Ainda como enfoque durante esta pesquisa, busca-se identificar as fases e características desse período, analisar as dificuldades que os familiares encaram sobre o assunto, como também investigar as implicações que as práticas repressivas desencadeiam durante esse período. Diante dos argumentos até aqui apresentados, esta pesquisa torna-se importante como fundamento para as pesquisas futuras sobre este tema, como também na incansável tentativa de desmistificar esse estágio tão natural e importante no desenvolvimento biopsicossocial do ser humano.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Compreender, através da teoria Freudiana da sexualidade infantil, os desdobramentos e implicações que as fases pré-genitais acarretam no desenvolvimento da criança e na relação com os pais e/ou familiares.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as fases e características da sexualidade infantil.
- Analisar as dificuldades que os pais e/ou familiares enfrentam para lidar com essa temática no cotidiano.
- Investigar as implicações que as práticas repressivas desencadeiam durante esse período.

3. METODOLOGIA

O processo deste capítulo tornou-se discorrido em duas etapas: O primeiro momento foi pautado nas concepções em torno da definição da base metodológica, a qual deu suporte para esta pesquisa, o segundo momento foi marcado pela descrição do caminho percorrido até a escolha dos meios utilizados para a coleta de dados, os descritores utilizados durante a pesquisa, como também os critérios de inclusão e exclusão das obras teóricas selecionadas.

Para compor este estudo, definiu-se como pressuposto a pesquisa de natureza bibliográfica, que de acordo com Cervo (1983, p.55), esse tipo de pesquisa “busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado, tema ou problema.” Tal pesquisa tem como base fontes variadas, assim dizendo, materiais já publicados no que se refere a tal ideia. Posto isto, será utilizado como fonte de pesquisa o levantamento de obras publicadas a respeito da temática a ser discutida, a qual fornecerá subsídio para o trabalho.

Tomando como ponto de partida o objetivo deste estudo – que é compreender, através da teoria Freudiana da sexualidade infantil, os desdobramentos e implicações que as fases pré-genitais acarretam no desenvolvimento da criança e na relação com os pais e/ou familiares. Decidiu-se adotar o método de pesquisa qualitativo, de enfoque descritivo, o qual foi considerado o mais adequado para o tipo de pesquisa que se planeja realizar.

No que diz respeito aos meios de investigação, na pesquisa de caráter qualitativo há uma maior possibilidade de compreensão da natureza de um fenômeno social. De acordo com Apollinário, a pesquisa qualitativa “lida com fenômenos: prevê a análise hermenêutica dos dados coletados” (APOLLINÁRIO, 2004, p. 151). Sendo assim, possibilitando ao pesquisador uma maior percepção e interpretação das informações sobre o evento que está sendo estudado.

Para desenvolver o presente trabalho, serão adotados como parâmetros de inclusão na revisão bibliográfica, as obras nacionais publicadas nos últimos dezenove anos (2000 a 2019) e que façam alusão à teoria Freudiana da sexualidade infantil, a coleta dos dados será adquirida através da internet por fonte de alta confiabilidade.

Dentre os múltiplos portais de periódicos disponíveis, foi utilizado uma base de dados em específico, o Google Acadêmico.

As primeiras pesquisas foram realizadas utilizando como descritores as palavras-chave: Sexualidade infantil e psicologia. Obteve-se como resultado 17.300 artigos. Ao observar que as linhagens teóricas eram diversificadas, foram adicionadas outras palavras-chave: Teoria freudiana; psicanálise; fases pré-genitais; oral; anal e fálica. Como critério de exclusão dos artigos que não abordassem a teoria Freudiana infantil, o que resultou em 2.230 artigos.

No segundo momento de colheita de dados, utilizou-se os mesmos critérios de exclusão/inclusão e as mesmas palavras-chave já utilizadas durante a primeira pesquisa. Agregando mais quatro descritores na pesquisa, que são eles: Desenvolvimento, manifestações sexuais, familiares, pais e repressores. Reduzindo essa quantidade, para 320 resultados. Decidiu-se acrescentar mais dois descritores: 0 a 6 anos e Freud, restringindo este total, para 134 textos.

De acordo com os resultados disponíveis, realizou-se a filtragem dos artigos priorizando os conteúdos que mais condiziam com os objetivos propostos para o trabalho. Fazendo uma breve leitura dos conteúdos dos artigos, e em particular dos títulos, resumos e introdução, foram selecionadas quatro obras em especial, publicadas respectivamente nos anos de 2000; 2006; 2007 e 2019. Foram as quais melhor coincidiram com os critérios de inclusão e com o problema de pesquisa aqui propostos. Por fim, incluiu-se as obras traduzidas de Sigmund Freud, que fazem referência às teorias da sexualidade infantil.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo dos séculos a sexualidade teve seu significado/conceito modificado diversas vezes, seja pela doutrina da igreja, pelo estado ou até mesmo pelos estudiosos de tal ramo. Apesar de ter havido várias modificações na sua concepção, no presente, ainda existe certo desconforto no corpo social ao abordar sobre a sexualidade, havendo um tabu descomunal sobre tal assunto (BOROTO; SENATORE, 2019, p. 2).

A sexualidade pode ser interpretada de múltiplas maneiras, dependendo, sempre, de como ela é interpretada, seja em sua concepção antropológica, biológica e psicológica, esta última será o objeto deste trabalho a qual terá como embasamento a teoria do psicanalista Sigmund Freud. Enquanto outros viam a sexualidade apenas como um meio para reprodução, perpetuar a espécie humana, ou a exercícios prazerosos que dependessem da utilização do órgão reprodutor, Sigmund Freud viu além e pregou que a sexualidade era formada pela subjetividade humana.

Sigmund Freud apresentou, no início do século XX, a psicanálise ao mundo e passou a conceituar a sexualidade, tornando-se um dos maiores, se não o maior, psicanalista da história e desenvolvedor de obras que abordam sobre a sexualidade (BOROTO; SENATORE, 2019, p. 3).

A respeito disso, Boroto e Senatore em seu artigo dizem o seguinte sobre Freud:

A princípio, Freud – por meio da clínica e relato de histéricas – imaginou que a sexualidade era despertada na criança por meio de um adulto abusador. A partir de tais relatos Freud formula a teoria da sedução, em que o adulto investe na criança. Com o tempo percebe que o abuso não havia acontecido e que se tratava, na verdade, de uma fantasia (realidade psíquica). Freud então deixa de lado a teoria da sedução para tratar da fantasia, abrindo, assim, espaço para grandes descobertas relacionadas à sexualidade infantil (BOROTO; SENATORE, 2019, p. 3).

Com as descobertas feitas por Freud (1976a), sobre a sexualidade a partir da psicanálise, mudanças começaram a ocorrer no tocante a concepção que a sociedade tinha sobre a sexualidade até aquele momento, passando a ser considerada tão importante ao ponto de ser conceituada como essência da atividade humana. Primordialmente via-se a sexualidade como algo inerente ao ser humano, guiado pelo

instinto, mas a partir das descobertas de Freud, percebeu-se que isso não era legítimo.

Uma das principais obras elaborada por Freud sobre a sexualidade é o seu artigo, publicado em 1905, chamado de “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, a qual ele manifestava em seus escritos que não se deve falar em instinto/comportamento animal, quando se fala de sexualidade, mas sim, de pulsão sexual, ou seja, libido (FREUD, 1976a).

Para Freud (1905a), o termo pulsão tem o significado de energia, esta que por sua vez é representada pela libido, que nada mais é do que o impulso sexual a fim de se satisfazer. Com relação à pulsão sexual, Freud fala da existência de pulsões parciais, em sua maioria associadas a uma zona erógena, que são partes do corpo que proporcionam sensações prazerosas.

Kupfer fala sobre o conceito sexual de Freud, vejamos:

Em seu pensamento, sexual não se confunde com genital. A sexualidade genital refere-se precisamente à cópula com o objetivo de procriar ou de obter prazer orgástico. Mas a sexualidade é mais ampla que a sexualidade genital. Inclui as preliminares do ato sexual, as perversões, as experiências sexuais da criança vividas em relação ao seu próprio corpo ou em contato com o corpo da mãe (KUPFER, 2007, p. 39).

Diante disso, Freud explica em seu livro publicado em 1905, segundo livro dos “Três ensaios”, que as crianças têm desejos sexuais e que tais experiências influenciam na formação de quando elas se tornarem adultas, o que causou uma grande comoção na sociedade da época.

Vejamos o que Freud recita sobre o assunto:

Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves consequências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual [...] (FREUD, 1905a, p. 106).

Essa concepção foi criada a partir de vários estudos clínicos de seus pacientes que sofriam de algum distúrbio sexual, descobrindo-se que geralmente esses distúrbios decorriam de uma infância cheia de desejos sexuais reprimidos. É justamente no segundo livro dos “Três ensaios” que Freud aborda de forma

aprofundada sobre sexualidade infantil e como ela interfere na formação psíquica do sujeito e em sua vida adulta.

Ainda sobre o autor, em 1907, publicou uma obra chamada “O esclarecimento sexual das crianças”, a qual afirma o seguinte:

[...] Na realidade o recém-nascido já vem ao mundo com sua sexualidade, sendo seu desenvolvimento na lactância e na primeira infância acompanhado de sensações sexuais; só muito poucas crianças alcançam a puberdade sem ter tido sensações e atividades sexuais [...] (FREUD, 1989b, p. 139).

De acordo com o psicanalista, a boca é o primeiro órgão tido como zona erógena, uma vez que as sensações de prazer, explosões de sabores, são obtidas por meio do paladar e levadas até o cérebro, causando imensa satisfação. Com isso, percebe-se que os primeiros impulsos sexuais da criança se verificam em funções que são vitais para sua sobrevivência.

A obstinada persistência do bebê em sugar dá prova, em estágio precoce, de uma necessidade de satisfação que, embora se origine da ingestão da nutrição e seja por ela instigada, esforça-se todavia por obter prazer independentemente da nutrição e, por essa razão, pode e deve ser denominada de sexual (FREUD, 1940, p. 179).

Percebe-se que a satisfação sexual tida pela criança é mais sensorial, independentemente de qual parte do corpo venha tal satisfação, tendo como o único objetivo a sua satisfação, visto que a sexualidade durante a infância é autoerótica, ou seja, não há um objeto a qual possa se satisfazer. O autor denomina a sexualidade das crianças de perverso-polimorfa, por se afastar do modelo genital de relação sexual. Freud (1989a), informa que qualquer parte do corpo da criança pode se tornar uma zona erógena, não sendo somente as zonas ligadas a fisiologia, tal como a defecação, micção e a alimentação.

Freud aborda o seguinte sobre esse assunto:

No chuchar ou sugar com leite já podemos observar as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta nasce apoiando-se numa das funções somáticas vitais, ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo autoerótica, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma zona-erógena. Antecipemos que essas características são válidas também para a maioria das outras atividades das pulsões sexuais infantis (FREUD, 1989a, p. 171).

Assim, pode-se perceber que inicialmente a criança se satisfaz com a comida por meio do leite materno e ao ato de sugar o seio da mãe, posteriormente passa a se auto satisfazer por meio do seu próprio corpo.

A sexualidade infantil, de acordo com Freud (1989a), não ocorre de forma reta no tempo, de modo que os acontecimentos surgem em fases da infância do indivíduo, sendo conectada a quantidade de libido manifestada nas zonas erógenas. Existem algumas fases classificadas por Freud a respeito da sexualidade infantil, sendo a primeira delas a sexualidade oral.

Nesta fase segundo o autor, a criança de 0 à 2 anos passará a conhecer e a provar as coisas a partir da boca, tal como exemplo ao provar o leite decorrente da amamentação, a criança passa a sugar e adquirir aquele leite rico em nutrientes, satisfazendo-se. Ao sugar o seio a criança satisfaz-se e ao parar de mamar passa a chupar o dedo a fim de substituir o seio que não mais está ao seu alcance, exercendo uma atividade autoerótica, pois passa a se satisfazer a partir de uma parte do seu próprio corpo (FREUD, 1989a).

De acordo com Kupfer:

[...] entendida já como uma experiência sexual, geradora de prazer para a criança que suga e até mesmo para a mãe que amamenta. Não se veja aí qualquer sinal de perversão no sentido usual do termo, e sim um exercício prazeroso que o contato corporal proporciona (KUPFER, 2007, p.39).

Freud (1989a), explica que a insistência que o bebê tem em sugar o seio e/ou o dedo é indício mais que suficiente que o mesmo busca a satisfação em ingerir o nutriente ou até independente dele, apenas pelo fato de que ao sugar algo te traga satisfação. Assim, pode-se perceber que inicialmente a criança se satisfaz com a comida por meio do leite materno e ao ato de sugar o seio da mãe, posteriormente passa a se auto satisfazer por meio do seu próprio corpo.

Ainda sobre os recém-nascidos, Freud relata:

As crianças trazem ao mundo com elas germes de atividade sexual, que já gozam de satisfação sexual quando começam a alimentar-se e que persistentemente buscam repetir a experiência na conhecida atividade de “sugar o polegar” (FREUD, 1905, p. 239).

Freud (1989d), informa que a segunda fase sobre a sexualidade infantil é a sádico-anal, a qual se inicia a partir dos 2 anos de idade da criança e se prolonga aproximadamente até os 3 anos, é nessa fase que ocorre a maturação do controle muscular da criança, aqui ela começa a desenvolver sua organização psicomotora. Assim dizendo, falar, andar e o controle esfinteriano com o amadurecimento físico, deslocando sua atenção da zona oral para a zona anal, pois a criança passa a ter o controle sobre a abertura e fechamento do ânus, tornando uma experiência prazerosa ao defecar.

A área anal é uma zona erógena que acarreta imenso prazer para a criança, pois é por ela que a criança toma ciência de onde as fezes são expelidas, sua ligação afetiva se dá com o produto, com o valor simbólico das fezes, promovendo mecanismos psicológicos ligados à projeção e ao controle (KUPFER, 2007). Causando-lhes assim um misto de sensações ao defecarem.

A terceira fase explicitada por Freud (1989d), é a fálica, a mesma é abordada inicialmente em sua obra chamada “A organização genital infantil”, publicada em 1923. Tal fase ocorre quando a criança tem entre 3 à 5 anos de idade, a qual as crianças começam a brincar com os seus órgãos genitais a fim de buscarem satisfação. É nessa fase que se dá a descoberta e preocupação na diferença entre os meninos e as meninas. Aqui a zona de erotização são os genitais.

No desenvolvimento da sexualidade nenhuma fase é abandonada, apenas novas fases vão sendo somadas às outras. A fase fálica promoverá as organizações psicológicas de masculino e feminino e organizam-se, também, os modelos relacionais entre homens e mulheres. É a fase que ocorre o Complexo de Édipo e o Complexo de Castração (FREUD, 1923).

O complexo de Édipo ocorre aproximadamente entre os 2 à 5 anos de idade. Segundo Freud (1989e), é no complexo de Édipo que acontece a estruturação da personalidade do indivíduo. Na maior parte de seus estudos e observações Freud se atém ao Édipo masculino. Ele afirma que a mãe é o primeiro objeto de desejo do menino e o pai quem o impede que tenha o objeto desejado.

Para conquistar a mãe o menino tenta imitar o comportamento do pai. Futuramente o menino abdica da mãe por “medo” do pai. Freud trata especificamente do Édipo masculino, mas diz que esse processo também acontece com as meninas,

sendo que as figuras de desejo e de identificação, pai e mãe, são invertidas (BOROTO; SENATORE, 2019).

Sobre isso, Nunes e Silva versam:

Durante as primeiras fases do desenvolvimento sexual infantil a descoberta do próprio corpo e a exploração de suas múltiplas possibilidades e características constituem um mundo próprio para a criança. A manipulação dos órgãos sexuais, que se organiza ao redor de 3 ou 4 anos, é uma das mais intensas descobertas infantis. A manipulação dos órgãos genitais proporciona intensa experiência de prazer para a criança. Não se trata ainda de uma busca intencional, daí ser absolutamente ridículo e descabido reprimi-la como "masturbação" ou "perversidade". A manipulação obedece a impulsos biológicos e psíquicos que satisfazem às crianças e lhes proporcionam uma apropriação sensorial de seu corpo e suas potencialidades (NUNES; SILVA, 2000, p. 77).

Segundo Freud (1989c, p. 182), dos 3 aos 6 anos de idade, a criança percebe a diferença entre o corpo feminino e masculino de maneira mais evidente, e há mais interesse no corpo do outro. A primeira teoria da criança é de que todos possuem um órgão genital, masculino. O interesse e a importância dada ao órgão genital masculino geram uma imensa curiosidade sobre o sexo do outro.

Nessa fase a genitália da menina não é entendida como outro órgão sexual e sim vista como a ausência de um pênis, no qual acredita-se inicialmente que ainda está pequeno e que irá crescer. Só futuramente, diante da descoberta de que a mãe também não possui um pênis, que surge a idealização da castração. O menino passa, então, a temer a perda do pênis, já que para ele a menina tinha e o perdeu (FREUD, 1989c).

Já a menina, no que lhe diz respeito, passa a culpar a mãe pelo fato de não possuir um pênis. Uma vez que essa mãe não tem um pênis, esta não pode dar-lhe um. A menina passa então, a rejeitar a mãe e a ter o pai como objeto de amor, e não mais a mãe, que era o seu primeiro objeto de amor. Ela espera receber do pai o falo que a mãe não tinha para dar-lhe (FREUD, 1989c).

De acordo com Freud (1989e), a masturbação é recorrente nessa fase, ainda assim, a criança não tem consciência nem malícia no ato que se resume em um gesto gostoso, que faz bem ou serve como instrumento antiestresse. Ela alivia tensões decorrentes de alterações da rotina ou ajuda a " Descarregar " as emoções.

Os pais não devem ridicularizar, proibir ou reprimir este movimento. Dessa forma, podem bloquear o contato da criança com o próprio corpo. Grande parte dos pais ficam horrorizados ao flagrarem seus filhos tocando os órgãos genitais ou manipulando suas próprias fezes e acaba recorrendo a punições e repressões severas. O ideal é que os pais compreendam que já é de se esperar tais manifestações sexuais em algumas etapas do desenvolvimento e que elas fazem parte do interesse da criança em descobrir o mundo e seu próprio corpo (BOROTO; SENATORE, 2019).

A punição e a repressão se tornam seriamente prejudiciais, podendo acarretar situações de conflito sexual posteriormente, como nos é mostrado ao estudarmos os estágios psicosexuais de Freud. Devem ser substituídas por conversas francas ou por atitudes que busquem desviar a atenção da criança para outros estímulos e atividades, de forma que não venha comprometer o desenvolvimento e a criatividade infantil.

Diante disso, Freud diz o seguinte a respeito da curiosidade da criança com relação a assuntos que abordem a sexualidade:

Ao mesmo tempo em que a vida sexual da criança chega a sua primeira florescência, entre os três e os cinco anos, também se inicia nela a atividade que se inscreve na pulsão de saber ou de investigar. Essa pulsão não pode ser computada entre os componentes pulsionais elementares, nem exclusivamente subordinada à sexualidade [...] Suas relações com a vida sexual, entretanto, são particularmente significativas, já que constatamos pela psicanálise que, na criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez seja até despertada por eles. (FREUD, 1989a, p. 182).

O desenvolvimento sexual infantil inicia logo após o nascimento, e conforme a criança cresce, dúvidas e curiosidades vão surgindo. É entre os 3 e os 6 anos que as perguntas relacionadas ao nascimento e a sexualidade começam a aparecer. A partir disso as crianças começam a se perguntarem de onde os bebês vêm e passam a criar respostas e investigarem sobre o assunto. Diante disso, Freud (1989c), se manifesta da seguinte forma:

[...] a criança começa a refletir sobre o primeiro grande problema da vida e pergunta a si mesma: 'De onde vêm os bebês?' [...] Essa pergunta é, como toda pesquisa, o produto de uma exigência vital, como se ao pensamento fosse atribuída à tarefa de impedir a repetição de eventos tão temidos [...] (FREUD, 1989c, p. 216).

Ao tentar descobrir a resposta a criança passa a perguntar aos adultos, mas recebe respostas insuficientes ou nem isso, deixando-a frustrada a qual continua com as suas dúvidas e passa a fazer as suas próprias investigações para obter a sua resposta. Laviola (2006) diz “é comum que o adulto, ao perceber algum comportamento da criança como sexual, reagir de alguma maneira a ele, seja informando, mentindo ou se omitindo”.

A respeito disso, Nunes e Silva informam o seguinte:

As atitudes de pais e educadores diante da sexualidade de crianças costumam ser de dois tipos: uma, unilateral, inibidora e mistificadora, que ocorre quando os adultos tentam “apagar incêndios” diante das curiosidades sexuais das crianças; outra, omissa, que é quando “fingem que não veem”, o que para os autores se explica pelos “limites de nossa formação e impedimentos de nossa cultura e informação sobre o tema” (NUNES; SILVA, 2000, p. 3).

Sendo assim, é de suma importância que os pais iniciem a explicação a partir do questionamento que a criança já traz, procurando completar ou corrigir as informações. Não se deve reprimir a curiosidade da criança. Os pais devem se ater a responder apenas o que é perguntado e prestar atenção no contexto, desse modo saciarão a curiosidade e a resposta será satisfatória para a criança. Para Freud (1989c), o ocultamento da verdade é um grande erro, pois pelo contrário, intensifica a curiosidade da criança e promove graves consequências futuras.

No início da fase fálica a criança se interessa somente pela sexualidade em si, pois nem mesmo sabe a diferença entre sexo masculino e sexo feminino, ainda pensa que todas as pessoas possuem um pênis ou vagina, por esse motivo não chega a compor o processo de erotização das zonas genitais que vai se iniciar apenas na puberdade, seu caráter até então é muito mais centrado na curiosidade (FREUD, 1989c).

As crianças surgem com uma segunda resposta para a pergunta “de onde vêm os bebês?”, a qual passam a teorizar que os bebês são gerados na barriga da mãe, mas que nascem pelo ânus da mãe, uma vez que não sabem, quando são meninos, a respeito da existência de uma vagina, então, de acordo com a criança ela também pode ter um filho. Freud (1989c), fala que é de suma importância que a primeira resposta que a criança venha a ter, é sobre o seu respectivo órgão genital, se for

homem o pênis, se for mulher a vagina, e que todos os adultos possuem o mesmo órgão genital que o seu.

Acerca disso, Freud explana o seguinte:

Para Freud, não “[...] parece haver uma única razão de peso para negar às crianças o esclarecimento que sua sede de saber exige. [...] Se as dúvidas que as crianças levam aos mais velhos não são satisfeitas, elas continuam a atormentá-las em segredo [...]” (FREUD, 1989b, p. 142)

Questionamentos complicados para responder, como a clássica pergunta “De onde vêm bebês?”, e atitudes constrangedoras para os adultos como a masturbação infantil ou a manipulação dos genitais em público, devem ser abordadas com compressão e sem recriminações ou culpas. É de imensa importância responder exatamente o que a criança está perguntando, sem antecipar dúvidas. E conforme vão crescendo ou tendo novas inquietações, as informações podem ir ganhando complementos (BOROTO; SENATORE, 2019).

De acordo com Boroto e Senatore (2019), a falta de sinceridade dos adultos nas respostas dadas à criança, podem de alguma forma comprometer o futuro intelectual das mesmas. Pois as mentiras inventadas diante de suas inquietações e investigações sexuais podem causar certo conflito psíquico, enfraquecendo sua confiança nos pais e familiares.

A última fase psicosssexual de acordo com Freud (1989d), é a genital, esta é alcançada na adolescência, visto que o desejo não é buscado no próprio corpo, mas sim, no corpo do outro, sendo que as pulsões sexuais são ordenadas. Mas entre as fases fálica e genital surge um período denominado de latência, logo após a dissolução do complexo de Édipo, por volta de 05 e 06 anos de idade e acaba entre 10 e 11 anos em ambos os sexos, nessa fase há o declínio da sexualidade infantil com o aparecimento da puberdade (fase genital).

Boroto e Senatore falam o seguinte sobre o assunto:

Tais teorias são concebidas pela criança de maneira espontânea nos primeiros anos de vida, sob a influência apenas da pulsão sexual. Essas teorias, segundo Freud, estão condenadas a ser abandonadas, sendo algumas esquecidas e outras recalçadas e fixadas no inconsciente. O processo de investigação é, então, abandonado – por volta do sexto ano de idade da criança – devido à falsidade das teorias sexuais, a não aceitação da castração materna e pela dissolução do complexo de Édipo (BOROTO; SENATORE, 2019, p. 11).

O período de latência é marcado como um espaço entre as atividades sexuais. A negação do esclarecimento sexual às crianças, sua tentativa de ocultamento e a dificuldade do adulto em lidar com a sexualidade infantil relacionam-se à amnésia infantil, descrita por Freud em 1905, nos “Três Ensaios”. Esse período se caracteriza pela repressão da sexualidade infantil, surgindo uma “amnésia infantil”, assim como, relativa às experiências anteriores, este fenômeno ocorre entre 6 e 8 anos, devido ao recalçamento, o mesmo encobre os primeiros anos da infância, ficando preservadas na memória, algumas lembranças incompreensíveis e fragmentadas (FREUD, 1905). Nesse período de latência há uma espécie de distração por parte das crianças, ou seja, há uma maior concentração em outras atividades, em outras palavras é como se a sexualidade ficasse adormecida durante esse período, vindo a despertar posteriormente na puberdade.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme se pode analisar através dos dados coletados das obras indicadas, o significado do termo sexualidade foi sendo modificado durante os séculos, havendo diversas interpretações, sejam elas feitas pelo estado, pela igreja ou pelos especialistas sobre o tema. O psicanalista Sigmund Freud foi de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho, suas obras foram cruciais, uma vez que foi a partir dos seus estudos publicados na época que a forma como a sexualidade era vista mudou, e com isso, alguns paradigmas foram quebrados.

Conforme verificado, o conceito de sexualidade foi modificado no século XX, principalmente no tocante a sexualidade infantil, a partir do entendimento de Sigmund Freud com a publicação da sua obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Como foi demonstrado, a libido nada mais é do que a pulsão sexual em busca do prazer, estando presente com o sujeito desde o seu nascimento, o que causou um alvoroço na sociedade do século passado, bem como o assunto “sexo” ainda continua sendo um tema polêmico na atualidade, visto que não é falado abertamente e encontra grande resistência e preconceito por grande parte da sociedade.

Freud (1989a, p. 162) supõe que a opinião popular é de que a pulsão sexual não esteja presente na infância, aparecendo somente quando a criança atinge a puberdade, motivo pelo qual ele informa que ter essa opinião é um erro grotesco e acarreta graves consequências para a criança quando entrar na vida adulta, sendo o senso popular um dos principais culpados pela forma tosca, de como abordamos a sexualidade.

A sexualidade se desenvolve de forma diferente em cada fase de nossas vidas, fazendo-se presente desde os primeiros dias de vida do bebê. Antes de mais nada, é necessário entender que, se para o adulto erotização e preconceito fazem parte da sexualidade, para a criança a sexualidade está mais ligada a conhecimento, descoberta e curiosidade. A criança não experimenta a vida sexual da mesma forma que o adulto, que alcança seu ápice e seu objetivo no ato sexual.

Freud (1905, p. 239) diz que os bebês já gozam de satisfação sexual, tendo seus primeiros momentos quando estão se alimentando no seio materno e provando,

pela primeira vez, do leite. Ainda sobre os recém-nascidos, Freud (1940, p. 179) explica que a insistência que o bebê tem em sugar o seio e/ou o dedo é prova mais que suficiente que o mesmo busca a satisfação em ingerir o nutriente ou até independente dele, apenas pelo fato de que ao sugar algo te traga satisfação.

Nesta mesma linhagem, Freud (1989b, p. 139) explica que os bebês já vêm ao mundo com sua sexualidade, passando a desenvolver a partir da amamentação e posteriormente passando a experimentar das sensações sexuais no decorrer do seu amadurecimento, sendo casos raros de que tais sensações não sejam sentidas pelas crianças antes mesmo da puberdade.

A criança por volta dos 3 aos 5 anos de idade passa a desenvolver algumas curiosidades no tocante as questões relacionadas a sexualidade, essa fase é designada por Freud (1989c), de fálica. É neste período da infância que as crianças passam a manipular seus órgãos genitais, surgindo assim a curiosidade sobre o sexo do outro. Esta é uma das fases mais importantes da sexualidade infantil, visto que é a partir da mesma, que criança começa a desenvolver seus processos psíquicos.

As obras de Freud, principalmente a respeito desse tópico, partiram de vários estudos sobre o tema e de dados coletados dos pacientes que tinham alguns distúrbios sexuais cuja origem provieram de uma infância repleta de desejos sexuais reprimidos. Verificou-se, ao analisar as obras acima apontadas, que um adulto sexualmente reprimido tem como principal causa a ocorrência de algum trauma sexual durante a sua infância.

É também na fase fálica (3 - 6 anos), que desabrocham várias dúvidas, indagações e curiosidades sobre a sexualidade, diante disto, segunda Laviola (2006), comumente os adultos costumam não saberem lidar com a situação e acabam mentindo, omitindo ou repreendendo a criança. Atitudes como esta, são extremamente danosas e podem desenvolver situações de conflito sexual posteriormente, como nos é mostrado ao estudarmos os estágios psicosexuais de Freud.

Ao tentar saciar algumas dúvidas, a criança passa a fazer perguntas aos adultos, mas geralmente recebe respostas insuficientes ou nem isso, deixando-a frustrada e com as mesmas dúvidas, passando assim, a fazer as suas próprias investigações para obter uma resposta. O ideal é que os pais compreendam que já é

de se esperar tais manifestações sexuais em algumas etapas do desenvolvimento e que elas fazem parte do interesse da criança em descobrir o mundo e seu próprio corpo (BOROTE; SENATORE, 2019).

Borote e Senatore (2019), dizem que a falta de sinceridade dos adultos nas respostas dadas à criança, podem de alguma forma comprometer o futuro intelectual das mesmas. Pois as mentiras inventadas diante de suas inquietações e investigações sexuais podem causar certo conflito psíquico, abalando a confiança que a mesma tinha em seus pais. Desse modo, a família é onde a criança encontra amparo e será com base no comportamento de seus familiares que ela irá desenvolver o seu comportamento sexual, sendo no seio familiar que a criança deverá aprender sobre a educação sexual.

Contudo, para Freud (1989a), o conceito de sexualidade vai muito além do sexo, das genitálias ou das necessidades fisiológicas, a sexualidade está atrelada nas relações com o outro e com o meio social. Assim, pode-se perceber que os escritos do psicanalista Sigmund Freud e os resultados encontrados através das obras, foram de fundamental relevância para a atenção que a temática merece e para a produção deste trabalho, de modo que serviu como embasamento teórico de fácil explicação e entendimento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o referencial teórico desta pesquisa, há um consenso de que a sexualidade é inerente ao ser humano desde o seu nascimento. É elaborada inicialmente no seio familiar por meio de seus valores, princípios, concepções de vida e vivências interpessoais, por isso, supor que não se trata de um tema irrefutável em seus primeiros seis anos de vida é desconhecer uma dimensão fundamental no desenvolvimento humano.

Ressalte-se que os primeiros anos são alicerces para a vida cognitiva, social e afetiva, assim como para a vida sexual. A sexualidade está no pensamento, no sentimento, no corpo, no toque, na comunicação verbal, na libido, na afetividade, e nas relações entre as pessoas. A sexualidade não se limita a uma representação social que a simplifica, associando-a apenas aos órgãos genitais, mas que abrange o corpo inteiro, manifestando-se ao longo de toda a vida.

Além disso, tendo em vista que a sexualidade se mantém presente com a criança desde os seus primeiros dias de vida, cabe aos pais quebrarem alguns tabus relacionados à essa questão, não se esquivando das perguntas formuladas pelos seus filhos a fim de que estes saibam e entendam sobre as mudanças em seu corpo e os desejos que sentem. Ao se fazer isso, a criança não crescerá frustrada, se desenvolverá e se tornará um adulto sexualmente saudável e menos problemático, uma vez que a frustração tida enquanto criança poderá acarretar em uma má formação psíquica e identitária.

Estamos conscientes de que este estudo se constitui em mais um passo na direção da compreensão crítica das manifestações da sexualidade infantil, muitos desafios, tensões e contradições se encontram na complexidade desta temática. Portanto, o que se pretendeu não foi a redução da complexidade, mas torná-la um pouco mais compreensível, ensejando novos desafios.

7. BIBLIOGRAFIA

- A POLLINÁRIO, F. Dicionário de metodologia científica: um guia para a Produção do Conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2004.
- BOROTO, Ivonicleia Gonçalves; SENATORE, Regina Célia Mendes. A sexualidade infantil em destaque: algumas reflexões a partir da perspectiva freudiana. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1339-1356, jul., 2019.
- CERVO, Amado Luis; BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 7). 3.ed. Rio de Janeiro: Imago. 1989a. (Originalmente publicado em 1905).
- FREUD, S. O Esclarecimento Sexual das Crianças. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 9, pp. 137-144). 3.ed. Rio de Janeiro: Imago. 1989b. (Originalmente publicado em 1907).
- FREUD, S. Sobre as Teorias Sexuais das Crianças. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 9, pp. 213-228). 3.ed. Rio de Janeiro: Imago. 1989c. (Originalmente publicado em 1908).
- FREUD, S. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 19). 3.ed. Rio de Janeiro: Imago. 1989d. (Originalmente publicado em 1923).
- FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 3.ed. Rio de Janeiro: Imago. 1989e. (Originalmente publicado em 1924). (V. 19, p. 217-224)
- FREUD, S. Conferência XXXIII: Feminilidade. Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 3.ed. Rio de Janeiro: Imago. 1989g. (Originalmente publicado em 1933). (Vol. 22)
- KUPFER, M. C. M. Freud e a educação: o mestre do impossível. 3.ed. São Paulo: Scipione, 2007.
- LAVIOLA, Elaine Cardia. Reações de educadoras de creche diante de manifestações de sexualidade infantil. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 7*. Florianópolis, Editora mulheres, 2006.
- NUNES; SILVA, Edna. A Educação Sexual da Criança. (Coleção Polêmicas do nosso tempo). Campinas, SP: Ed Autores Associados, 2000.